



uma HISTÓRIA  
**INCOMUM**  
**SOBRE LIVROS**  
e **MAGIA**

LISA  
PAPADEMETRIOU



*Este livro é dedicado à minha filha,  
Zara Marguerite Usman,  
com amor e uma dose extra de magia.*

# Nota da autora

EU TENHO UM LIVRO MÁGICO.

Vou contar como ele me encontrou. Meu bisavô era alemão. Durante a Primeira Guerra Mundial, ele foi enviado para a França. Sentia muita saudade da família e, um dia, comprou um presente para a filha de 6 anos, minha omi (avó). Era um livro de contos de fadas, escrito em inglês, pois ele queria que ela aprendesse o idioma.

Omi foi a única integrante da família dela a emigrar. Ela e o marido grego se mudaram primeiro para a Inglaterra e depois para os Estados Unidos, fugindo da Alemanha pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial. Ela levou o livro, que ficou numa estante em Nova Jersey, à espera.

Meus pais se separaram quando eu tinha 10 anos. Naquele verão, talvez como uma forma de me tirar da névoa de infelicidade que pairava sobre a nossa casa, eles me mandaram para visitar Omi. E, de presente de aniversário, minha avó me deu o livro.

Como qualquer menina de imaginação fértil, soube imediatamente que o livro era mágico. A capa tinha um tom brilhante de azul e era decorada com fadinhas douradas. Tratava-se de um elegante volume antigo de contos de fadas, muitos dos quais eu desconhecia. As ilustrações coloridas eram lindas, estampadas num papel macio cor de creme. As histórias tinham uma escrita elegante, num estilo vitoriano, e, ao passar os dedos pelo texto, eu sentia a reentrância das letras deixada pela antiga prensa de metal. Aquelas palavras me confortaram muito. A antiguidade delas me lembrava que o livro havia cruzado continentes e décadas para aterrissar no meu colo justo no momento em que eu precisava de um pouquinho de magia.

Uma vez, quando eu estava no ensino médio, minha amiga disse:

– Lisa, não é reconfortante pensar que, neste exato minuto, Deus está selecionando alguém especial para você?

Estávamos conversando sobre encontrar o marido perfeito.

– Mas e se essa pessoa especial estiver no Japão? – respondi. – E se eu nunca conseguir encontrá-la?

Minha amiga revirou os olhos, mas mal sabia ela: naquele mesmo momento, meu futuro marido estava em Lahore, no Paquistão. E eu *realmente* o encontrei. É assim que a magia acontece. Meu marido, Ali, estava destinado a mim da mesma forma que aquele livro. Nós tínhamos que ficar juntos – era o destino.

Uma lenda chinesa diz que os deuses usam um fio vermelho para conectar as pessoas feitas uma para a outra. Imagino todos nós como pontos que existem no espaço e no tempo, com fios vermelhos que nos unem às pessoas, aos lugares, aos acontecimentos e até às coisas que serão importantes na nossa vida. Esses fios se cruzam e se entrelaçam. Formam uma imensa rede que contorna o mundo.

É por meio das histórias que revelamos esses fios. *Aconteceu tal coisa e, por causa dela, estamos aqui.* É assim que os seres humanos compreendem a si próprios e se tornam quem são. As narrativas nos mostram o que é importante na nossa vida. Tornam visível a magia do destino.

Meu livro mágico foi o modo como meu bisavô fez contato comigo – a bisneta americana, alguém que ele jamais conheceu. Ele comprou o livro para Omi, mas estava destinado a mim.

# Nota

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, ou acontecimentos é mera coincidência.

Exceto pelas partes mágicas.

Elas são reais.





## CAPÍTULO UM

# Kai

NINGUÉM NUNCA TINHA dito a Kai que ela devia prender a respiração ao passar por um cemitério, mas ela prendeu mesmo assim. Segurou o fôlego e agarrou com força o puxador da porta da imensa picape Dodge 1987 azul-clara, enquanto sua tia-avó Lavinia, ao volante, passava correndo e aos solavancos por um grande portão de ferro, subindo a entrada para carros até a casa. Kai observou através do vidro sujo as cruzes antigas e as lápides brancas, caindo aos pedaços, que pareciam espí-la de trás do velho portão de ferro.

– Você mora ao lado de um cemitério? – perguntou, de queixo caído.

Segurava a maçaneta com força, como se fosse ser lançada para fora do veículo.

– Vizinhos tranquilos! – gritou sua tia-avó para que Kai conseguisse ouvi-la acima de uma música de Jay-Z que tocava no rádio em altíssimo volume.

A velha picape cuspiu cascalho quando Lavinia freou de supetão. Inclinou-se sobre o volante e olhou para Kai.

– E ninguém reclama do que eu escuto. – Lavinia aumentou o volume ainda mais, cantando junto com o rap, e então desligou o rádio, dando uma piscadela para Kai. – As pessoas por aqui gostam de música country, mas eu não suporto.

– É – disse Kai, pois achou que deveria falar alguma coisa.

Conversar não era bem o seu forte, na verdade.

– Você gosta de música country? – quis saber a tia-avó.

– Hum, não.

– Que bom, porque você não vai ouvir muito isso lá em casa.

Lavinia abriu a porta do carro e pulou para fora. Com um movimento ágil, apoiou um pé sobre o pneu traseiro e se lançou por cima da beirada da caçamba, pegando a mala e o estojo de violino de Kai.

A garota não tinha a mesma habilidade. Com cuidado, abriu a porta e olhou para o cascalho da entrada para carros. Parecia que o chão estava a uns 10 metros abaixo dela.

– Quer que eu ajude você a descer, docinho? – gritou Lavinia enquanto subia os degraus da frente da casa.

– Já estou indo.

Agarrando-se à porta, Kai saltou e aterrissou de um jeito estranho, meio rodopiando, meio tombando. Limpou a poeira das mãos e bateu a porta da picape, dando uma palmadinha no carro antes de se dirigir às pressas para a casa.

E que casa!

Tinha um telhado alto e pontudo e, na frente, uma varanda que estava quase sendo engolida por trepadeiras e arbustos descontrolados. Uma imensa planta cheia de flores escapara por pouco da invasão das trepadeiras. Tudo parecia se encaixar de um jeito meio torto, como se a casa tivesse chegado tarde e desarrumada de uma festa daquelas. Uma cerca já velhinha contornava a propriedade e um portão um tanto curvado rangia com qualquer ventinho. O lugar parecia ter saído de um livro, mas não um que fosse muito divertido. Estou falando daqueles em que as crianças são devoradas no final.

No fim da trilha havia uma caixa de correio corcunda, com um sobrenome pintado em elegantes letras prateadas: *Quirk*.

*Significa “incomum”... Combina bem*, pensou Kai.

Até agora, a tia-avó Lavinia parecia ser mesmo um pouco... incomum.

“Seu pai sempre a chamou de ‘tia Lavinia’, mas na verdade ela é prima do seu tataravô, então a esta altura deve ter uns 80 ou 90 anos”, explicara a mãe de Kai, Schuyler, pouco antes de colocar a menina no avião. “É

bem provável que ela precise de ajuda em casa, pois a pobrezinha deve estar frágil, coitada. Você vai tentar ser prestativa, não vai?”

A tia-avó era frágil como um tanque de guerra. Kai nunca fora boa em calcular a altura das pessoas, mas podia garantir que Lavinia media mais de 1,80 metro. Carregava a mala da sobrinha como se fosse uma bolsinha.

Para Kai, a tia parecia ter uns 60 anos, mas a mãe acertara: Lavinia faria 87 no fim do verão. Tinha algumas rugas nos cantos da boca e dos olhos e os cabelos eram grisalhos e longos, quase até a cintura, amarrados numa trança. Ela usava calça jeans, não aquela típica de vovó, mas uma escura bem justa, além de tênis All Star vermelhos. Anéis turquesa extravagantes enchiam seus dedos das mãos. Lavinia gostava de andar na moda, apesar de ser meio rechonchuda e ter um olho maior que o outro.

*Essa mulher, pensou Kai enquanto andava atrás da tia-avó, com certeza não precisa da minha ajuda em casa.*

Ela hesitou na porta por um instante, mas Lavinia já estava subindo a larga escadaria de madeira, gritando:

– Seu quarto fica aqui em cima, docinho!

Kai a seguiu, mas não se apressou. Deslizou a mão pelo corrimão escuro. Era do tipo que ela sempre desejara: perfeito para descer escorregando. O prédio onde ela morava com os pais era cinza e quadrado, com um elevador pouco confiável.

No topo da escada, Kai deparou com um longo corredor.

– Este aqui é o quarto de hóspedes – soou a voz de Lavinia do quarto à direita.

Kai a seguiu e entrou num adorável quarto branco, com uma cama de madeira escura de quatro colunas que combinava com a cômoda. Um espelho antigo refletia uma luminosidade tênue, e estantes apinhadas de livros ocupavam uma das paredes. Havia uma poltrona bem acolchoada no canto, perto da janela com vista para o gramado da frente.

Em casa, Kai dormia num colchão no chão e mantinha as roupas em enormes caixas organizadoras de plástico. Sua mãe nunca achara necessário gastar dinheiro com móveis – cada centavo economizado ia para a



poupança da faculdade de Kai. Para a garota, o quarto da casa da tia-avó parecia ter saído de uma revista de decoração ou de um sonho.

– Tem mais dois cômodos aqui em cima. Meu quarto fica do outro lado do corredor e o outro é o escritório. – Lavinia olhou ao redor, em busca de um bom lugar para deixar a mala. – Este aqui provavelmente vai adorar ter um hóspede.

– É bonito – disse Kai.

– Não é? – A tia-avó pôs a mala ao lado da cama e se voltou para a menina. – Bem, não sei direito como dizer isso, então vou falar de uma vez. Se você ficar magoada, paciência. – A mulher enfiou os polegares nos bolsinhos da calça jeans. – Eu nunca tive filhos. Nem marido. E não foi por falta de oportunidade. Eu é que nunca quis. – O olho maior ficou mais saliente e as sobrancelhas se arquearam.

– Certo...

– Eu não sei o que fazer com crianças.

– Nem eu.

Lavinia inclinou a cabeça imaginando se a sobrinha estava caçoando dela ou não. Kai não estava. Ela não entendia as crianças. Nem elas a entendiam.

Ao contrário das colegas, não ligava muito para fofocas, paqueras ou gritinhos por causa do mais novo cantor ou ator adolescente. De qualquer forma, ela nem tinha *tempo* para os amigos. Não mesmo.

Isso era algo que ninguém entendia: Kai tinha algo mais importante do que os amigos. Tinha um objetivo. *Ou, pelo menos*, pensou ela, *costumava ter*.

Na última semana de aula antes das férias de verão, espalharam folhetos por todo o corredor da sexta série: *A Premiação Secreta de Cedar Creek!* Anika Walters levou o troféu de Garota Mais Gostosa, é claro; o Sr. Anderson foi eleito o Professor Mais Gostoso (uma surpresa); Claire McGowen ganhou o prêmio Mais Propenso a Roubar uma Loja de Conveniência, coisa que ela já devia até ter feito; e Kai Grove foi escolhida a Mais Esquisita (ai, ai).

Quando viu a lista, a diretora surtou e disse que a excursão ao parque de diversões seria cancelada a menos que alguém confessasse o

feito ou delatasse a pessoa que organizara a premiação. E, assim, Kai foi insultada publicamente e punida com o restante da turma, o que, segundo a diretora, “deveria ensinar a todos uma valiosa lição sobre a vida”.

– Muito bem, docinho. – Lavinia deu um tapinha no braço de Kai. – Então vou apenas fazer... o que eu faço. Não vou me preocupar em tornar tudo divertido.

– Legal. Excelente, na verdade.

Lavinia ficou imóvel por um momento. Kai também. A casa era enorme e silenciosa.

– Está certo – disse a tia-avó, por fim. – Tem comida na geladeira. Não compro refrigerantes nem porcarias. Se você quiser essas coisas, vá até o supermercado.

– Sozinha?

– Por que não? Você tem 12 anos, não tem? Eu ia na rua sozinha com 5 anos.

Pensar em andar desacompanhada por uma cidade que ela não conhecia fez Kai sentir uma comichão. Sentia-se fervilhar, como uma lata de refrigerante que foi agitada.

– Onde fica o supermercado?

– A cinco quarteirões. – Lavinia apontou o polegar por sobre o ombro, na direção da janela atrás dela, com vista para o pátio. – Você pode ir aonde quiser, desde que esteja em casa para o jantar. Não quero ter que ligar para a sua mãe e dizer que não sei onde você está.

*Excelente argumento*, pensou Kai, sentindo um arrepio descer até os dedos dos pés e subir até as pontas dos cabelos.

– A que horas é o jantar?

– Às seis.

– Posso explorar a casa?

– Fique à vontade.

Lavinia mexeu na cortina por um instante e saiu do quarto.

Kai se voltou para a bagagem.

– Pare de olhar para mim – murmurou, cutucando o estojo do violino com o pé. Empurrou-o para dentro do armário e fechou a porta.

Soltando um suspiro, ergueu a mala e a colocou numa mesa baixa, mas não a abriu. Ficou de pé ao lado da janela, apenas sentindo o cheiro do quarto. Era o aroma de coisas limpas e velhas. O lençol branco estava perfeitamente estendido na cama. Foi até a estante e observou os livros. Não parecia haver nenhuma ordenação: exemplares de bolso e de capa dura estavam misturados, um título sobre arte ao lado de suspense barato.

Um livro de capa de couro e letras douradas gravadas na lombada atraiu seu olhar. *O cadáver excêntrico*, dizia. Kai o pegou. Não se importava com títulos assustadores. Até que gostava, na verdade.

Na capa, o título estava impresso em baixo-relevo dourado, com aquela grafia rebuscada que as pessoas de hoje acham antiquada. Logo embaixo havia a imagem da mão de um esqueleto segurando uma pena de escrever. Em vez do nome do autor, havia o registro Cadáver Excêntrico S/A, Kalamazoo, Michigan.

Kai folheou o livro, mas as páginas grossas, com as bordas de acabamento dourado, estavam em branco. *Hum*, pensou, *que estranho*.

Ao examiná-las novamente, com mais cuidado, Kai percebeu que havia uma página com o título (de novo sem o autor) e outra de texto.

*Saudações! Bem-vindo a O cadáver excêntrico! Assim como naquele antigo jogo em que uma pessoa desenhava uma cabeça, dobrava a página, outra desenhava um corpo, depois uma terceira desenhava as pernas e assim por diante, você dará vida à sua própria criatura. Você está prestes a embarcar numa viagem mágica, muito além de sua inteligência, imaginação e fé! Basta uma pessoa com a ousadia de pôr a história em movimento!*

*Que comece a magia!*

Abaixo disso, o nome Ralph T. Flabbergast estava escrito numa linda caligrafia.

Havia algo naquele livro que trouxe de volta a excitação de Kai. Mas foi aí que ela fez uma coisa que nunca entendeu direito. Tirou uma caneta do bolso e, depois de *Ralph T. Flabbergast*, ela escreveu: *era um perfeito idiota*.

Kai olhou para a página e sentiu o medo arrepiar sua pele. *Eu não deveria ter feito isso*, pensou. *Foi indelicado*. Não que Ralph fosse se importar: tinha morrido fazia quase cinquenta anos.

Ela fechou o livro e o colocou de volta na estante. Ficou olhando as letras douradas da lombada por um momento e depois se virou.

Lá fora, o sol brilhava alto e forte. Kai tinha passado quase quatro horas enfiada num avião, o que a deixara inquieta. Não havia motivo para ficar dentro de casa. Então decidiu sair para explorar a vizinhança.

Foi seu segundo erro.



## CAPÍTULO DOIS

# Leila

NÃO ERA UM CÔMODO GRANDE, mas, para Leila, era o mais elegante do mundo. Ela nunca havia estado numa biblioteca particular antes. O que chegava mais perto disso na casa dela era o porão, onde havia uma estante de livros meio bamba, uma televisão e uma mesa de pingue-pongue caindo aos pedaços. A mãe preferia ler no Kindle. O pai só lia artigos na internet. Não eram pessoas românticas. Leila duvidava que eles conseguissem dar valor a um lugar refinado como aquele. Ficou se perguntando se todo mundo no Paquistão teria uma biblioteca em casa.

É, você ouviu bem: Paquistão.

Eu sei, eu sei, você deve estar pensando: *Como assim? Estávamos nos Estados Unidos ainda agora! Esta narradora perdeu a cabeça? Por que está começando uma história diferente?*

Bom, isso é problema meu. Talvez você acabe descobrindo.

Ou talvez não.

Tudo depende de você, certo?

As paredes eram curvas, como se a biblioteca ficasse dentro de uma torre, e havia um lugarzinho encantador para sentar em frente à janela que dava para o jardim. Livros de capa dura forrados em couro e tecido, enfileirados como soldados, ocupavam as prateleiras de madeira escura. Uma imensa escrivaninha de madeira, ricamente entalhada com leões e homens de turbante montados a cavalo, se encontrava em um dos lados

da janela. *Eu seria capaz de escrever um livro nessa escrivadinha*, pensou Leila. *Um livro daqueles bem grossos!*

Aquilo tudo era antiquado, charmoso e totalmente diferente do que ela estava esperando. Sentia-se como uma princesa ou como uma das personagens de sua série de livros preferida, *As Irmãs Amadas*. Aliás, ela se sentia *exatamente* como Elizabeth Amada – estudiosa mas, ainda assim, linda – na história em que as duas meninas iam para a Inglaterra e ela se apaixonava por alguém que *pensava* ser o garoto do estábulo e que, na verdade, era o filho de um duque.

– Ah, como eu *amo* bibliotecas! – disse Leila em voz alta, com um sotaque inglês terrível, pensando em quanto adoraria viver uma aventura como a de Elizabeth.

E no Paquistão talvez ela pudesse! Ali teria alguma chance, mas em casa, no subúrbio, era impossível.

Leila percorreu as prateleiras na esperança de descobrir alguns livros *bons*. A maioria parecia terrivelmente entediante, do tipo que sua irmã mais nova e “academicamente notável”, Nadia, gostava de ler. *A profundidade do rio. Tom Wickersham. Os documentos de Pealbury.*

*Tão extraordinária a irmã dela*, exclamavam todos. *Tão talentosa! Nadia Awan é a menina mais brilhante da escola!*

*Humpf*, pensou Leila. *Nadia Awan é tão sem sal...*

Ela chegou ao fim de uma das prateleiras e um título atraiu sua atenção: *O cadáver excêntrico*.

*Um cadáver parece promissor*, pensou. Gostava de mistérios, principalmente se o detetive da história fosse mulher. Estendeu a mão para pegá-lo, mas hesitou. Afinal, aquela não era a sua casa. Era a casa do tio, mas ele provavelmente não se incomodaria. *Mas... e se ele se importar? Talvez fosse melhor perguntar...*

– Sim ou não, menina? Não fique aí parada feito uma ovelha indecisa! Leila soltou um gritinho, rodopiando.

– Q-q-quê? – gaguejou, fitando o homem que aparecera subitamente atrás dela.

Ele comprimiu os lábios, apontando para a estante com o bigode grisalho. Vestia um terno marrom de três peças e chapéu-coco da mesma

cor, e definitivamente não era o seu tio. Leila ficou de queixo caído, tentando compreender como ele tinha chegado ali, com aquela roupa, aquele sotaque, tudo ao mesmo tempo. Como seu raciocínio era meio lento, o homem parecia ter falado algo como: “Non ficai parada feituma oveia indicisa!”

– Desculpe, eu não falo urdu – informou Leila.

– Pelo amor de Deus! – bufou o velho, ajustando a gravata azul. – Não consegue reconhecer inglês? Idiota!

– O quê? – perguntou Leila novamente.

Ela só tinha entendido as palavras “inglês” e “idiota”.

O homem se inclinou sobre a bengala e a encarou com os olhos escuros e reluzentes.

– Não fique aí parada feito uma tonta – disse ele, bem devagar. – Se quer o livro, então pegue logo!

Depois que ele diminuiu o ritmo, as palavras enfim ativaram algo no interior do cérebro de Leila.

– Ah! – exclamou ela. – Você está *mesmo* falando inglês.

O homem a fitou com menosprezo.

– Se quer um livro – repetiu ele vagarosamente –, pegue o livro.

– Não é que eu queira um livro.

Ele bufou.

– É claro que quer.

O homem deu batidinhas no chão com a bengala de cabo prateado. Leila voltou a olhar para o livro. E olhou para o velho. Não fazia ideia de quem ele era, mas tinha certeza de uma coisa: não morava naquela casa. No dia anterior, todo mundo tinha ido buscá-la no aeroporto de Lahore: o tio, Babar Awan, a esposa dele e os três filhos. Agora, na biblioteca da família, estava um velho trajando um terno marrom. *Será que tenho que ligar para a polícia?*, pensou. Aliás, qual é o telefone da polícia no Paquistão? (Para você ficar sabendo: o número é 1122. Mas, de qualquer forma, se você não lembrar e tiver uma emergência no Paquistão, é só gritar bem alto.)

Então ela teve a brilhante ideia de gritar bem alto, mas Samir – o primo só cinco meses mais velho do que ela – entrou e foi logo dizendo:

– Ah, oi, Leila. Então você já conheceu Mamoo.

*Mamoo* é a palavra em urdu para “tio”. Na verdade, significa “irmão da minha mãe”. Há uma palavra diferente para “irmão mais velho do meu pai” (*taya*) e para “irmão mais novo do meu pai” (*chacha*). No caso da mãe, é apenas *mamoo*.

E aquele *mamoo* parecia irritado.

– Ela está com vergonha de pegar um livro!

Leila se sentiu acuada.

– Você gosta de que tipo de livro? – perguntou Samir.

– Na verdade, eu não queria...

– Onde está o seu pai? – perguntou Mamoo para Samir, estreitando os olhos. – Aquele homem vive me ignorando.

– Está no trabalho, Mamoo. Hoje é quarta-feira. Ele vai chegar em casa na hora do jantar.

– Ah, na hora do jantar, é?

Mamoo acariciou o bigode. Leila achou que ele parecia não acreditar naquilo, e posso dizer que não acreditava mesmo.

– Eu volto às nove em ponto. Mas não digam a ele que eu venho! – esbravejou ele e olhou feio para Leila.

– *Eu* é que não vou contar – disse ela.

– Ele não está evitando você, Mamoo! – exclamou Samir pelo corredor, enquanto o homem saía.

O velho balançou a bengala, mas não olhou para trás.

Samir encarou Leila. Empurrou os óculos retangulares para o topo do nariz. Uma das sobrancelhas escuras e grossas ficava permanentemente arqueada, como se ele estivesse sempre debochando do mundo. Muitas vezes acontecia de as pessoas se ofenderem com aquela expressão. Agora, Samir observava os cabelos de Leila, que logo começou a alisá-los.

– Que tipo de livro você estava procurando?

– Eu... eu só...

Leila corou um pouco sob o olhar de Samir. Se ao menos fosse Elizabeth Amada! Ela com certeza pensaria em algo perspicaz e inteligente, nem um pouco presunçoso, para dizer. Até Nadia poderia tirar da car-



tola uma Citação Memorável de um Grande Escritor sobre a Importância da Narrativa.

Mas Leila não era nem Elizabeth Amada nem Nadia.

– Eu gosto de todo tipo de livro – respondeu ela. – Não estava procurando nenhum em especial.

– Você pode pegar o livro que quiser – afirmou Samir.

O pai de Leila era do Paquistão e um aspecto da cultura ela conhecia bem: se alguém achasse que você queria algo, fosse uma panqueca ou uma barra de ouro, a pessoa insistiria até que você aceitasse. Ficaria insistindo *para sempre*. A hospitalidade paquistanesa é uma força irresistível e inabalável. Havia somente uma forma de resolver o problema. Ela tirou *O cadáver excêntrico* da prateleira e murmurou um “obrigada”.

Ficaram em silêncio por um momento, tão imóveis quanto as estantes da biblioteca.

– Você gosta de ler? – perguntou Samir, por fim.

– Claro. Eu leio o tempo todo.

– A arma de Kim está em exposição aqui em Lahore, se você se interessar. – O rosto de Leila continuou inexpressivo, então ele adicionou: – *Kim*, de Rudyard Kipling. Ele morava aqui em Lahore. Você já leu esse livro?

– Não.

– Ah. E *O livro da selva*? E *Histórias assim*?

– Eu conheço *O livro da selva* – respondeu Leila.

Ela não queria admitir que nunca tinha ouvido falar de Kipling. Sempre pensara que Walt Disney tinha escrito *O livro da selva* e adaptado para o cinema com o título *Mogli – O menino lobo*.

– A gente tem que ler Kipling na escola, já que ele morou aqui e ganhou o prêmio Nobel. Qual foi o último livro que você leu?

– *Mais doce que açúcar* – disse Leila. Era o 32º livro da série das Irmãs Amadas. – É muito bom – acrescentou, pensando se soara tão inteligente quanto Elizabeth Amada.

– Com certeza é – comentou Samir com aquela sobrancelha arqueada.

– A gente pode ir ver a arma, se você quiser.

Leila sentia tanta vontade de ver uma arma que tinha pertencido a Kipling quanto de catar uma bola de pelo vomitada pelo gato dela, Steve. Mas os olhos castanhos de Samir brilhavam e ela percebeu que se tratava de algo importante no Paquistão, então deveria demonstrar entusiasmo.

– Claro. Parece legal.

Leila detestava magoar as pessoas.

– Ah, por falar nisso – acrescentou Samir quando ela começava a se afastar –, Rabeea estava procurando você mais cedo. Acho que ela e minha mãe vão levá-la para fazer compras. Disseram que você queria um *salwar kameez*.

– Sim! – exclamou Leila. – Eu adoro as roupas paquistanesas, mas nunca tenho oportunidade de usar lá em casa. Onde está Rabeea?

Samir explicou como chegar à sala de estar e ela saiu correndo. Quando virou a esquina, quase trombou em alguém.

– Ai, desculpe! – arquejou Leila.

Era Chirragh Baba, o cozinheiro. Ele disse algo ríspido em panjabi. Tinha o rosto envelhecido, com rugas profundas que desciam do narigão até a boca franzida, como se ele houvesse fechado a cara muitas vezes na vida – e havia mesmo. Os cabelos tinham um tom de laranja escuro – grisalhos tingidos de hena – e os olhos pretos pareciam dois poços sem fundo. Eram olhos vazios. Leila conhecera Chirragh na noite anterior e ele não fora muito receptivo.

“Quanto tempo ela vai ficar?”, perguntara, fazendo cara feia. Ele falara em panjabi, claro, mas Wali, de 7 anos, fizera o favor de traduzir para Leila.

Agora os olhos de Chirragh cintilavam como os de um animal prestes a dar o bote. Era seu olhar característico. Parecia o mordomo malvado do Superespecial nº 8 de *As Irmãs Amadas: O caso do castelo arrepiante*. Aquele cara era mesmo um pesadelo.

– Hum, desculpe – murmurou Leila pela segunda vez.

Fitou seus pés, evitando aquele olhar sombrio e perturbador.

Chirragh não falou mais nada e continuou descendo as escadas mancando, apoiando-se na perna forte, a direita.

Leila ergueu a cabeça e observou-o se afastar. *É melhor eu ficar de olho nele*, pensou, meio que torcendo para que ele fosse mesmo um grande vilão – talvez roubasse colheres ou espalhasse boatos. Aquilo poderia lhe abrir uma porta para várias aventuras!

Ela foi até o próprio quarto e colocou o livro na beirada da cama. *O cadáver excêntrico. Definitivamente um mistério*, julgou ela. Leila sabia que Elizabeth Amada não estaria nele, mas mesmo assim tinha esperança de que fosse ao mesmo tempo romântico e assustador.

Mal podia esperar para começar a ler.



## CAPÍTULO TRÊS

# Kai

KAI NÃO DEVERIA TER ido ao supermercado. Como eu disse, esse foi seu segundo erro. Teria tido uma aventura de qualquer jeito – escrever no livro garantia isso.

Mas teria sido menos divertido. Enfim, ela acabou indo ao supermercado mesmo.

Eram cinco *longos* quarteirões. Na sarjeta, Kai viu uma rã que fora atropelada e tinha secado no calor texano. Eu chamo isso de carne-seca de rua. Uma brisa densa acariciava a nuca suada da garota. A grama da entrada das casas estava tão ressecada que parecia palha.

Pela calçada, os chinelos de Kai faziam *shlep-shlep-shlep* conforme ela andava. Era a única pessoa na rua. Os outros estavam trancados nos carros, respirando ar condicionado, como se estivessem tão habituados ao calor de verdade que não queriam perder tempo lutando contra ele.

Parou no sinal e olhou para a rua, para onde o asfalto encostava no céu. Estava tão quente que o piche que preenchia as ranhuras da rua tinha derretido e ficara mole como cera de vela. Quando o sinal vermelho se acendeu, ela atravessou correndo o cruzamento. Aquele piche seria capaz de agarrar no chinelo e arrancá-lo de seu pé. Aí ela teria que correr no meio do trânsito para pegá-lo de volta. E provavelmente seria atropelada por uma caminhonete, o que transformaria esta história numa outra completamente diferente. Bem menor, aliás.

Kai atravessou o estacionamento e chegou à calçada larga que contornava o centro comercial. Ali estava o supermercado. O lar dos refrigerantes e dos biscoitos. E com ar-condicionado. O paraíso para o tipo de garota que nunca podia sair de casa sozinha – o tipo de garota que ela era. Kai até cogitou comprar *dois* pacotes de salgadinhos! Para você ver como aquela aventura era importante.

Dois suportes de jornais faziam sentinela do lado de fora da porta dupla de vidro. Em torno de um deles, havia uma coleira de cachorro frouxa. Arfando à sombra da marquise do centro comercial, estava um chihuahua branco e marrom deitado, parecendo exausto. Sua pequena língua pendia da lateral da boca e as costelas douradas subiam e desciam em ritmo acelerado.

– Oi, fofinho – disse Kai, abaixando-se.

– Você não devia brincar com os animais dos outros.

Kai ergueu o olhar. Uma menina de cabelos pretos cacheados e o rosto salpicado de sardas esticou a cabeça por trás de uma coluna de estuque.

– Sua mãe nunca ensinou isso? – questionou ela.

A pergunta pesou em Kai como uma bigorna. Em primeiro lugar, sua mãe *tinha* dito aquilo. Mas a mãe nunca a deixava fazer *nada*. Segundo, essa garota se parecia com as Coelhinhas, as meninas bonitinhas da escola que sempre achavam que sabiam tudo mas, na verdade, tinham cérebros que mais pareciam terrenos baldios. E, terceiro, o cachorro era *minúsculo*. Devia pesar mais ou menos meio quilo! Quanto estrago seria capaz de fazer?

Kai ignorou a menina sardenta e tocou a ponta da orelha do cãozinho.

O chihuahua estourou feito um rojão! Rosnou e investiu contra Kai, que soltou um grito e caiu para trás, de bunda no chão. O cachorro latia como se estivesse sendo atacado por um tubarão.

Uma mulher de vestido havaiano passou correndo pela porta eletrônica, gritando:

– Taco! Taco!

Mas Taco já tinha avançado até onde a coleira permitia e cravara os dentes na bainha da calça jeans de Kai.

– Tire o cachorro de cima de mim! – gritou Kai.

– Taco! – A cabeleira loira gigante da mulher tremia a cada berro que ela dava. – Taco!

A menina sardenta agarrou o cachorro pela nuca e deu uma boa sacudida nele até que o animal soltasse a calça. Em seguida, entregou-o à mulher.

– Ah, Taco, seu malcriado! – repreendeu a mulher, que, com carinho, afundou o nariz no pelo dele. Ela se virou para Kai e berrou: – Por que você foi provocar o meu cachorro?

– Por que você deixou um cachorro perigoso assim aqui sozinho? – contestou a sardenta. – Taco precisa usar uma focinheira. Meu pai é advogado. Você tem sorte se não for processada. Aposto que o Taco já fez isso antes, não fez?

A mulher do cabelo gigante bufou e saiu andando, resmungando para Taco, que lambia o pescoço dela.

Kai se levantou e, sem dizer nada, observou a mulher se espremer no carro. O cachorro ficou com a cabeça para fora da janela. Em seguida, ela virou-se para a menina das sardas.

– Eu sou a “Doodle” – disse a menina. – E de nada.

Kai já ia agradecer, mas ficou irritada de novo. As Coelhinhas sempre tinham apelidos engraçadinhos e aquela não era exceção.

– Por que Doodle? “Rabisco”? Você é artista ou algo do tipo?

– Eu nasci no dia 4 de julho, Dia da Independência.

Kai franziu a testa.

– E daí?

Doodle começou a cantarolar a melodia da música “Yankee Doodle”, enfatizando as ocorrências da palavra “Doodle” na letra.

– Ah – disse Kai, sentindo-se ainda mais irritada e idiota do que antes.

– Bom, enfim, obrigada por me salvar daquele chihuahua.

Doodle deu um sorrisinho torto. Tinha uma boca irrequieta e esses sorrisos eram meio cômicos. Todos pensavam isso, não só eu.

– O que é tão engraçado?

– Será que tem um cartão de agradecimento por aqui? “Obrigada por me salvar daquele chihuahua.” Tipo, com uma rosa, letras douradas rebuscadas e um poeminha dentro?

– É, deve vender bastante – respondeu Kai. – Pelo menos aqui. Bom, a gente se vê por aí.

Ela se virou para as portas. O sensor de movimento a identificou e as abriu, e Kai recebeu uma rajada de ar frio no rosto.

– Ei! – chamou Doodle. – Qual é o seu nome?

Por um momento, Kai ficou tentada a fingir que não tinha ouvido. Sua mãe sempre dissera que não devia revelar seu nome a estranhos. Por outro lado, achava que dificilmente encontraria aquela garota outra vez, então que diferença fazia?

– Kai! – gritou um instante antes de as portas se fecharem atrás dela.

Doodle deu um sorriso engraçado e torto para ela através do vidro.

Kai não sabia o que pensar daquele sorriso. Ainda. Mas eu tinha certeza de que ela o desvendaria.

Para voltar, deveria fazer a mesma longa caminhada na direção contrária, só que dessa vez não haveria mais nenhum ar-condicionado. Kai estava circulando pelas estantes de revistas até que o assistente magricelo e cheio de espinhas foi até lá e as reorganizou como se tivesse que protegê-las.

Então Kai deu uma volta pelos corredores, e o mesmo assistente começou a segui-la, observando seus bolsos com desconfiança. Por fim, ela se convenceu de que estava na hora de sair dali.

Kai sentiu o ar frio evaporar de sua roupa assim que a porta se abriu. O canto das cigarras fazia o ar vibrar. Kai seguiu em direção à casa de Lavinia e constatou que a leve tontura deixada pela viagem de avião tinha desaparecido. Caminhar havia ajudado.

Ela ouviu a discussão antes de vê-la acontecendo. Quando estava a poucos passos da casa de Lavinia, Kai viu, por incrível que pareça, a menina sardenta de cabelos encaracolados encarando um garoto que tinha um sorrisinho malicioso no rosto e os olhos duros como aço.

Ele era mais alto que Doodle e, por mais que Kai não quisesse admitir, bonito. Usava roupas largas, bem na moda, que pareciam novas. Tudo nele parecia dizer “EU SOU RICO”, assim mesmo, em maiúsculas. O garoto estava segurando alguma coisa. Um pote.

– Devolva, Pettyfer – exigiu Doodle, mas num tom de voz de quem já perdera as esperanças. – Você vai estragá-lo.

– Estragá-lo? – Ele riu, sacudindo o pote. – Já está todo ruim mesmo. E para que você quer isso?

O garoto sacudiu-o de novo. Kai percebeu que havia um inseto ali dentro. Doodle estendeu os braços para pegar o pote, mas Pettyfer se esquivou. Kai, que nunca levantava a voz para ninguém, deu um passo à frente e gritou:

– Ei!

Pettyfer parou e olhou para ela.

Ok, Kai não era uma garota grande. Nem boa de briga. Mas era boa de *planejamento*. As crianças da escola a achavam esquisita, mas não pegavam muito no pé dela porque Kai sempre respondia de forma sarcástica e planejava todos os seus passos entre uma aula e outra para evitar possíveis provocações.

Ela vinha da cidade grande e tinha um plano para quase tudo. Seu plano para lidar com pessoas que queriam roubá-la ou ameaçá-la era este: *Faça com que pareçam que você é perigosamente louca.*

Então, quando Pettyfer a encarou, ela agarrou dois punhados de cabelo e soltou um guincho, correndo na direção dele e gritando:

– Yi-yi-yi-yi-yi-yi-yiiiiiiiiiiiiii!

Pettyfer caiu de costas, conseguiu ficar de pé e partiu em disparada, tropeçando em seus próprios tênis enormes e caros.

– Yi-yi-yi-yi-yi-EEEEEEEEEEEEEE-OOOOOOOOO! Bluga-bluga! Bluga-bluga!

– Aaaaaah! – gritou Pettyfer, tentando correr mais depressa.

Ele precisava segurar sua calça jeans grande e folgada enquanto corria. Em mais ou menos meio segundo, tinha desaparecido atrás de uma das casas da vizinhança.

Ofegante, ela parou ao lado de Doodle, que a fitava com os olhos arregalados. Kai apoiou as mãos nos joelhos, abaixando-se para respirar fundo.

– Nossa! – disse Doodle.

Kai olhou para ela.



– Ele não esperava por isso – explicou ela.

– *Ninguém* esperava por isso – retrucou a menina. – Nunca.

– Sua borboleta está bem? – perguntou Kai quando Doodle se abaixou para pegar o pote.

Como era de plástico, não tinha se quebrado quando Pettyfer o largara.

Doodle ergueu o pote.

– É uma mariposa. E já estava morta quando a encontrei. – Balançou a cabeça. – Queria ver se conseguia identificá-la, mas agora é tarde demais.

Ela desenroscou a tampa e virou o pote de cabeça para baixo, deixando a mariposa cair no chão feito um chumaço de algodão, e não algo que tinha vivido, respirado e voado.

– Quem era aquele garoto e por que ele estava tentando roubar a sua mariposa morta? – perguntou Kai. – E por que você estava andando por aí com uma mariposa morta, para começo de conversa?

– Eu sou lepidopterologista.

Kai pensou um pouco.

– Isso é contagioso?

Doodle não chegou a rir, mas seus olhos se estreitaram como se ela talvez estivesse considerando fazer isso.

– É a pessoa que estuda borboletas e mariposas. Eu me dedico principalmente às mariposas.

– E isso é... interessante?

– Para mim, é.

– Entendi. – Kai olhou para a forma inerte na grama. Conseguia compreender por que as mariposas poderiam ser interessantes. Para a pessoa certa. – Por que aquele garoto estava tentando pegá-la de você?

– Porque ele gosta de destruir tudo que não entende, ou seja, quase tudo.

Kai assentiu. Conhecia o tipo. (Quem não conhece?)

– Todo mundo na escola tem medo dele porque sua família é rica.

Doodle voltou a atarraxar a tampa no pote. As duas meninas foram para a calçada.

– Eles são os donos da fábrica de caixões – continuou.

– Fascinante.

Doodle deu de ombros.

– Eles empregam metade da cidade, pelo que dizem. E sempre vão ter clientes, então...

– Certo.

As meninas se entreolharam. Kai estava começando a pensar que talvez Doodle não fosse uma Coelhinha, afinal de contas. As Coelhinhas eram bonitinhas por fora e vazias por dentro, como um ovo de Páscoa. Já Doodle parecia... sólida.

– Então... Quem exatamente é você? Onde você mora? – perguntou ela.

– Lá.

Kai apontou para a casa corcunda e esquisita, instalada lá em cima, ao fim do gramado, como se vigiasse sua propriedade.

– Na Quirk?

Era engraçado ouvir o sobrenome da tia-avó em voz alta, já que também significava *incomum*. Parecia que a *casa* inteira era incomum, o que fazia bastante sentido.

– Ela é minha tia-avó. Bem, na verdade, é prima do meu tataravô. Mas eu chamo de tia-avó.

– Nossa, eu não sabia que Lavinia tinha algum parente. Digo, algum parente vivo. – O tom de voz de Doodle parecia conter tanto surpresa quanto alívio. – Eu moro bem ali, do outro lado da rua.

Ela apontou para uma pequena casa de campo com o gramado mais seco e malcuidado que Kai já tinha visto. Havia apenas um arbusto na frente: tão magrelo e espinhoso que só em sonho poderia desabrochar uma flor.

– Então acho que vamos nos ver bastante – comentou Kai.

– Talvez. – Doodle olhou para o pote. – Ei, o que você vai fazer depois do jantar?

– Nada. Por quê?

Kai estava torcendo para que Doodle quisesse ir ao cinema, pois adorava filmes. Ela e a mãe iam toda semana.

Doodle sorriu.

– Quer me ajudar a pegar uma mariposa?

Quando pensou naquilo depois, Kai não conseguiu entender por que tinha aceitado. Talvez porque ela e Doodle tivessem se identificado – uma salvara a outra de algo malévolos e ridículo. Ou talvez porque era difícil recusar a ideia de caçar algo que estava extinto desde 1882.

Isso mesmo. Doodle não queria achar qualquer mariposa. O objetivo era encontrar *aquela* mariposa. Uma que não existe: a mariposa-celestial. O último registro da espécie era de Falls River, no Texas, quando fora avistada por uma mulher chamada Edwina Pickle.

– Extirpação – explicara Doodle.

Kai franziu as sobrancelhas.

– Você sabe um monte de... palavras.

Kai também sabia um monte de palavras, mas *extirpação* era nova no seu vocabulário.

– Significa que está extinta, mas só por aqui. Ainda dá para achar essa mariposa em outras partes do mundo.

– Então o que faz você pensar que a gente vai achar uma aqui? Agora? – questionara Kai.

Doodle deu de ombros.

– É só um palpite. As coisas deixam de ficar extintas o tempo todo.

– Tipo o quê?

– Tipo o langur-cinzento.

– Parece o nome de um prato sofisticado. *Eu gostaria de pedir um langur-cinzento ao molho de ervas finas, por favor.*

– É um primata. Um macaco da Indonésia. Os cientistas achavam que estava extinto, mas aí alguns foram encontrados. Então talvez essa mariposa não esteja extinta afinal. De repente o problema é que ninguém está procurando por ela. – Doodle sorriu. – Quer dizer, ninguém a não ser eu. Então ninguém vai encontrá-la... a não ser eu. Estou com um bom pressentimento.

Kai teve que admitir que não devia haver mesmo muita gente por aí em busca dessa mariposa em particular. Ela mesma nunca tinha saído

para procurar *nenhuma* mariposa nem ouvido falar de alguém que tivesse. Então concordou. Combinou de encontrar Doodle mais tarde se a tia-avó não visse problema na caça à mariposa.

Kai subiu até o quarto para descansar, ainda atônita com a sua (pequena) aventura.

Kai nunca tivera esse tipo de liberdade até então. Sua mãe sempre se comportava como se a cidade estivesse tomada por drogados e assassinos de crianças e não permitia que ela fosse sozinha nem até a padaria da esquina.

Pegou a mala (ainda não tinha arrumado as roupas) e a colocou em cima da cama. Ao abrir o zíper, notou que a ponta de alguma coisa saía de baixo do travesseiro. Afastou-o. Era um livro. Lia-se *O cadáver excêntrico* em letras rebuscadas douradas.

Que estranho! Ela não se lembrava de tê-lo colocado ali.

Abriu o livro e quase o largou na mesma hora.

Alguém havia escrito nele. Logo depois de *Ralph T. Flabbergast era um perfeito idiota*, alguém acrescentara:

*Sim, Ralph era um idiota. Mas ele não sabia disso.*

*Sabe, Ralph acreditava em magia. Acreditava de todo o coração. Desde que era criança, quando sua oma lhe contava histórias mágicas de fadas e animais que falavam.*

*Ele amava muito a avó e chorou bastante quando ela morreu, embora tivesse apenas 3 anos e todos dissessem que era jovem demais para compreender o que a morte significava. Quatro anos depois, ainda se lembrava do cheiro da comida da avó e do que sentia enquanto a ouvia contar aquelas histórias.*

*Em uma tarde abafada, Ralph se arrastava pela calçada quente com uma moeda no bolso. Havia um problema: ele tinha somente uma moeda, mas muitas formas de gastá-la! O aroma dos pretzels recém-saídos do forno flutuou até ele. Os doces coloridos sorriam por trás da vitrine. Brinquedos e apitos, castanhas ou um filme. Era um tormento.*

*– Venham, venham! Quero ver se vocês conseguem encontrar a ervilha debaixo da casca mágica! O vencedor ganha o dobro! O que acha, jovenzinho?*

*O homem tinha nariz comprido e dentes grandes, e mais parecia um cavalo de cartola. Era impossível desconfiar de um homem com aquela aparência.*

*– O que é isso? – perguntou Ralph.*

*O homem explicou o jogo. Havia três cascas de noz e uma ervilha. Ele colocava a ervilha debaixo de uma das cascas e as embaralhava, para tentar confundir a pessoa.*

*– Você revela onde está a ervilha – disse o homem – e é o vencedor! Dobra o seu dinheiro!*

*Ralph observou as cascas dançarem para lá e para cá, por dentro e por fora, para a frente e para trás. Parecia mesmo uma dança. Uma dança lenta e delicada. Ele apontou para uma casca e o homem a virou. Ali estava a ervilha.*

*Isto é fácil!, pensou Ralph ao entregar a moeda ao sujeito para tentar novamente.*

*– Está pronto?*

*O homem fez as nozes dançarem. Ralph observou. Apontou. Ali estava a ervilha.*

*– Um vencedor! – anunciou o homem. – Puxa, filho, isso foi incrível! A maioria das pessoas não consegue acompanhar a casca. Você tem um talento natural. Tem, sim!*

*Ralph estendeu a mão para receber o dinheiro.*

*– Você não quer mesmo tentar outra vez? – perguntou o homem.*

*– Bom, eu seria um tolo se o deixasse fazer isso. Você vai tirar 10 centavos de mim, pode ter certeza. Não acredito que quer ir embora justo agora.*

*O homem tirou a cartola e a segurou sobre o coração, revelando uma cabeça careca e sebosa, coberta de fios pretos desgrenhados.*

*Ralph riu. Ele nunca tinha sido bom em nada na vida!*

*– Acho que vou jogar de novo.*

*O homem pôs a ervilha debaixo da casca e fez as nozes dançarem. Cada vez mais rápido, como dançarinas enlouquecidas. Mas Ralph não tirou os olhos daquela casca. Ele sabia. Ele sabia. O homem parou. Ralph apontou. O homem levantou a casca. Não havia nada ali.*

– Sinto muito, filho – disse o homem. – Quer tentar de novo?

– Não tenho mais dinheiro.

– Puxa, que azar..

*Ralph foi tomado de emoção ao se encontrar ali parado, imóvel, observando o homem guardar as cascas. Eu sei o que você deve estar pensando: tristeza, sofrimento, desolação. Mas você está errado. Sabe, Ralph tinha visto algo. Algo que mudou sua vida. Quando o homem levantou as cascas, a ervilha não estava embaixo de nenhuma delas.*

*O mundo de Ralph saiu do eixo. O céu se abriu acima dele, revelando uma luz branca.*

*A moeda não tinha importância. Não tinha importância nenhuma.*

*Ele vira a magia acontecer.*

Kai virou as páginas seguintes. Estavam em branco.

Fechou o livro com força. *Que diabo era aquilo?*

*Como assim?*

*Como...*

*Foi Lavinia que escreveu, pensou. Só pode ter sido ela! Mas por quê? Para fazer graça?*

Era improvável. Lavinia não parecia ser o tipo de pessoa que pregava trotes. Kai olhou ao redor, se perguntando se a tia-avó misteriosa estaria prestes a assustá-la ali mesmo. Foi andando até o armário na ponta dos pés. Respirou fundo e escancarou a porta de supetão. Mas não havia nada, exceto o estojo do violino, que estava lá no fundo, como uma sombra empoeirada.

*Alguém entrou aqui escondido e escreveu uma história estranha enquanto eu não estava, pensou ela. Ou eu fiquei doida, escrevi tudo e esqueci completamente.*

A imaginação é uma coisa muito criativa, não é? Kai fez um esforço danado para tentar dar sentido à história e entender como aparecera ali. Mas estava enganada o tempo todo.

*É uma brincadeira, pensou. Uma brincadeira idiota.* Fechou o livro e o largou na prateleira dentro do armário. Vestiu um casaco com raiva, ordenando a si mesma que parasse de pensar no livro. *Não pense nele,*

dizia sua mente com firmeza. *Pense na mariposa. Ou na Doodle. Pense na Lavinia.*

Mas não conseguia. Sua cabeça foi completamente consumida por aquele livro e aquela história durante o resto da tarde – na verdade, até a hora do jantar.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)